



Os trabalhos de *Estranhos jardins de papel*, criados a partir de fotografias ou ilustrações antigas, sobrepõem-se, amontoam-se e exibem-se obsessivamente, como num sonho

Mulheres fatais e outras que tais

Uma visita ao museu surrealista através da colagem.

Luísa Soares de Oliveira

**Estranhos jardins de papel/
Queer paper gardens**
De Maria Lusitano e Paula Roush.

Lisboa. Museu da Electricidade – Sala Cinzeiro 8. Av. Brasília, 3ª a Dom., das 10h às 18h. Até 8/09.

Instalação.

★★★★★

São duas artistas que, como é cada vez mais habitual acontecer, vivem fora de portas, neste caso na Grã-Bretanha: Maria Lusitano e Paula Roush, que expõem juntas desde 2009, optaram por razões profissionais (um doutoramento para a primeira, um trabalho como docente universitária para a segunda) por deixar o país, o que não significa que abandonem a apresentação periódica do seu trabalho em instituições portuguesas. Se Lusitano nos habituou ao seu trabalho em vídeo, sempre com uma componente narrativa intensa e ancorado nas memórias próprias ou históricas, de Paula Roush conhecíamos o seu gosto pelo livro de artista, uma prática que, nos últimos dois ou três anos, tem interessado cada vez mais adeptos entre as jovens gerações de artistas. Nesta exposição, intitulada *Estranhos jardins de papel*, encontramos estas duas disciplinas aliadas à componente educativa que é agora tão presente na vida das duas: a mostra inclui ateliers criativos destinados ao público, que pode



experimentar o processo da colagem, o mesmo que está na base do trabalho aqui exposto.

A sala do Cinzeiro 8, no Museu da Electricidade, possui as dimensões que habitualmente associamos a uma galeria, mais do que a um museu. Por isso, os trabalhos, todos sobre papel, com base em imagens antigas retiradas de alguma revista ilustrada ou de álbuns de fotografias de desconhecida proveniência, quando não de desenhos a tinta sobre papel, podem ser vistos com cuidado, e inclusive ser objecto de uma montagem onde as peças se sobrepõem, amontoam e exibem-se obsessivamente. Como num sonho.

A comparação não é involuntária. Lusitano e Roush procuraram antecedentes ilustres na colagem, nomeadamente Max Ernst e Valentina Penrose, dois artistas surrealistas que praticaram a colagem e a criação de novelas em imagens, e a associação inusitada de formas e motivos para despertar a imaginação, como era caro aos seguidores de Breton. Max Ernst, primeiro, logo desde 1921 mas sobretudo a partir de 1929,

quando publica *La Femme 100 Têtes*, criou peças onde a figura feminina surge na ambiguidade dos estereótipos associados pela cultura burguesa à imagem da mulher, simultaneamente Eva e Lilith; este projecto seria mais tarde desenvolvido em *Une semaine de bonté*, de 1934, obra a que as autoras de *Estranhos jardins de papel* se referem mais especificamente. Quanto a Penrose, que foi casada com o poeta e pintor britânico do mesmo nome, publicou (entre outros) *Dons des féminines* em 1951, adoptando o mesmo tipo de colagem de Ernst mas atribuindo ao seu trabalho uma visão feminista que estava ausente das obras e das vidas dos surrealistas da época.

As colagens sobre papel das artistas, e também o vídeo ou os livros que mostram, relevam desta última obra: afinal, o filme, vídeo ou não, procede de um processo fundamental de *editing* que mais não é do que a colagem de sequências díspares para a obtenção de um resultado final significativo. Imagens de mulheres cristalizadas pelo cinema, relevando da dupla acepção que citámos acima, entre a *femme fatale* e a jovem ingénua, sucedem-se em dupla sequência rápida, acentuando o princípio da colagem surrealista, que também é reforçado pela presença de uma colecção de cadeiras díspares, em ruína, onde o espectador é implicitamente convidado a sentar-se. Noutras situações, trata-se nitidamente de fotografias pessoais que foram trabalhadas pelas artistas com vista à obtenção dessa abertura difícil para um universo outro que o Surrealismo procurava. E não falta uma nota de humor, sempre presente em qualquer exposição de um surrealista em meados do século XX: um lobo de

peluche vestido de calças e casaco está sentado em cima de uma das mesas da exposição.

Pressinto que as artistas se divertiram a realizar estas obras. É impossível não as ver com um sorriso, muito mais do que com a surpresa ou o escândalo que as suas antepassadas suscitavam na época em que foram criadas. É que a colagem surrealista possui um tempo histórico preciso. Não se trata aqui de assumir a pertença a um movimento que teve a sua época e o seu contexto, e que é hoje irrecuperável. Lusitano e Roush sabem-no. A sua proposta é outra: a de actualizar a liberdade de criação artística de Ernst e Penrose, uma liberdade que passava também pela escolha de uma técnica que não pertencia às ilustres pintura ou escultura. De resto, o livro, como meio de difusão artística, também estava longe do peso do museu ou da galeria de arte. É interessante notar que, em termos de mercado, as coisas não mudaram assim tanto nestes quase 100 anos que nos afastam de Max Ernst; nem o trabalho sobre papel, nem o vídeo, nem o livro de artista atingem as cotações de outras técnicas. O que mudou, mesmo, ou pelo menos começou a mudar significativamente, foi a condição da mulher, e a distância cada vez maior que nos separa, a nós mulheres, das imagens originais que inspiraram as artistas.